

## **O não-espço entre o eu e o outro na Tetralogia Lusitana De Almeida Faria**

Profa. RENATA DE LIMA BURMAN NICOLAU (USP)

### **Resumo**

A Tetralogia Lusitana de Almeida Faria expõe, por meio de narrativa epistolar, o processo de tomada de consciência de personagens que vivem, em dimensão alegórica, os mesmos conflitos colocados à nação. O núcleo familiar que protagoniza os romances, isolado em espaços físicos ou imaginários, sofre de uma solidão e orfandade vividas no espaço coletivo, e está inserido em um círculo silencioso, escuro e confuso. A superação deste estado se dará por meio de rupturas com estruturas repressoras e auto-exposições e da concomitante libertação e concepção do eu.

Tal demanda será autorizada somente mediante o confronto com o outro, que se posicionará como interlocutor dos diálogos construídos por meio das cartas trocadas. Neste contexto, analisar as relações de alteridade é imperativo para que se conceba o conceito de constituição do sujeito na literatura de Almeida Faria.

O golpe militar de 24 de abril de 1974 marca, em Portugal, o fim da ditadura mais longa do século XX. O Salazarismo, nome pelo qual se designou o período, manteve a nação sob a égide de um líder – Oliveira Salazar – que pregava a virtude cristã da resignação para sustentar um país instável social e economicamente e que mantinha, a duras penas, a guerra colonial. Neste contexto, o povo, exaurido pelos anos de penúria e silêncio, promove o rompimento com o regime repressor fazendo com que o 25 de abril de 1974 celebre a Revolução dos Cravos. O dia da liberdade, no entanto, inaugura uma fase de instabilidades políticas, reestruturações sociais, aprofundamento das conquistas democráticas e, para uma nação que perdeu todas as oportunidades históricas de mudar, surge a tensão propícia para se pensar, do ponto de vista histórico, filosófico e literário os portugueses e Portugal, tanto nas relações que estabelecem entre si, como em suas constituições enquanto povo e pátria.

A crise advinda deste pós revolução, caracterizado por agudas indefinições, torna-se drama na medida em que traz à baila as questões primordiais para que Portugal tenha concretizada sua inserção na cena européia e mundial. Era imperativo resgatar o conceito da identidade nacional, à deriva durante os séculos em que o país lograva assento de destaque nas conquistas imperialistas, e conce-

bê-lo no projeto de tomada de consciência nacional. A escassez de auto-crítica e, naquela conjuntura, de auto-estima, devido ao estado anacrônico diante do mundo, parecia expor de forma ainda mais contrastante um desajuste e, em igual proporção, uma necessidade de perceber-se nas suas fronteiras delimitadoras: temporais, espaciais, culturais, míticas e éticas.

Na campo literário coube ao Romance Contemporâneo dar as boas-vindas a uma novo olhar da ficção sobre a realidade, cujo alvo fosse a estilização do sujeito e, conseqüentemente, a integridade pátria. Os autores desta geração preocupam-se em reinventar a História, em subverter seus mitos, em chacoalhar a pátria lusitana de modo a compreendê-la em sua totalidade e, assim, forjar com requinte narrativo, maturidade e consciência seus legítimos traços identitários.

Torna-se condição para esta mudança de paradigma que o eu individual se conforme, em detrimento do eu coletivo, cuja consciência fora anestesiada, de um lado, pelo processo histórico de contato com culturas estrangeiras, e de outro, pela recente experiência ditatorial. Neste sentido, a esfera individual ainda estava essencialmente atrelada aos traumas nacionais e mister se fazia a promoção de sua autonomia, o desenho de suas margens, enfim, a consolidação de um sujeito ético que possa conjugar em si o seu espaço na realidade.

Este encontro consigo ocorrerá, necessariamente, em um lugar privilegiado, um lugar do sem-fronteiras, um lugar do consciente. O autor propõe um dissecar das relações do indivíduo com o espaço, que é o mediador por excelência entre o eu e o outro. A casa do patriarca Francisco, assim, define a primeira referência espacial da *Tetralogia* e, as relações que ali inexistem anunciam o destino destes sujeitos: a busca inexorável por espaços em diversas esferas, sendo que a descoberta da primeiro desencadeará a concepção de um universo plural e complexo do ser no mundo.

O território, que é objeto idealizado no século XX, será alcançado pela própria negação dele. O não-espaço é o lugar onde se afirma **sujeito do século XX** (o homem que sofre os efeitos da aceleração do tempo, da desintegração dos valores éticos e padrões racionais de apreensão do mundo. O indivíduo moderno é resultado de um processo histórico cuja construção rompe com as tradições do sujeito ético antigo e/ou medieval. A sociedade do capital (industrial, tecnológica, mercadológica, consumista) afirma uma ética desterritorializada, exige a invenção do sujeito livre para o mundo, despreendido, irrefletido, prisioneiro de uma construção plural na qual o eu anuncia os dramas de um mundo real, cotidiano e ausente.

Em busca destas gentes a *Tetralogia Lusitana* – composta pelas obras *A Paixão*, *Cortes*, *Lusitânia* e *Cavaleiro Andante* – de Almeida Faria elege a esquina histórica da ditadura com redemocratização como cenário espaço-temporal de um núcleo familiar que vive, em dimensão alegórica, os mesmos conflitos e desafios colocados à nação: sofrem de uma solidão e orfandade coletivas e, a

*priori*, estão inseridos em um círculo silencioso, escuro e confuso, onde todo movimento é inércia, porque não existe uma consciência em ação. A superação deste estado hermético se dará por meio da ruptura com estruturas repressoras impostas pela presença do outro, da exposição de traumas e da concomitante libertação e concepção do eu.

A sequência dos romances se organiza em dois eixos principais: um circular e restrito, outro retilíneo e amplo, ambos alicerçados n' *Paixão* e legitimados em *Cavaleiro Andante*. O primeiro se define pelo constante questionamento da relação entre os indivíduos, evidenciando as tentativas do autor de promover múltiplas possibilidades de (inter)agir no mundo: questões como o amor, a subserviência, o engajamento político, o aprendizado e a linguagem serão colocadas em xeque em favor de personagens, cujas incoerências estão aquém do seu espaço no mundo, porque marginalizam-se nos complexos limites do eu. A outra linha perquirida pelo autor situa-se no nível do enredo e do discurso, fazendo com que à pena sejam narradas histórias paralelas e sobrepostas de indivíduos que despertam e se dispersam de um contexto tensionado e artificial de relações para a tomada de poder sobre si.

De fato o auto-conhecimento é engenhoso instrumento de situacionalidade, mas o pressuposto desta engrenagem consiste na existência de um outro, cuja função é co-habitar espaços. A casa-mente, a casa-casa, a casa-nação, a casa-mundo e por que não a casa-outro edificam-se em uma existência na qual o tu é indispensável para a realização do eu.

(...) reflexões em torno da casa portuguesa, entendida agora como uma questão discursiva que pensa o modo português de fixar-se na terra natal (...) casas de escrita (...) No romance, a casa é cenário de questões-chave, ainda hoje, para a relação dos portugueses com sua própria história, consigo mesmos(...) hipótese de reler a Literatura Portuguesa por meio de um desafio: numa cultura marcada pela viagem, pelo exílio, pela imigração, de que forma o escritor português representa nas casas de escrita a busca obsessiva do espaço. (SILVEIRA, 2006. p.14, 15 e 18).

Nos dois primeiros romances, tanto o eu quanto o outro são entidades dismanteladas, a casa onde moram tem portas e janelas cerradas, que impedem o trânsito das palavras, daí a presença de narrador onisciente, desfigurando para o leitor a dormente rotina de indivíduos acostumados com a presença que é nula e indiferente e, paradoxalmente, com o sufocamento advindo desta negação. A sensação inescapável de potência envolve o próprio leitor que surpreende-se com a atitude de JC:

(...) deu um pulo da mesa perante o inimigo e a si mesmo se ouviu pronunciar: se assim é, eu saio, não se discute mais, quase correndo caminhou em direcção à porta, envolto em rumor de vozes, reprovação, gritos de alguém, do pai talvez, monossilábicos (...) só ouvia seus passos pela calçada (...) voltar para casa impossível. (FARIA, 1998. p.132).

O filho segundo rompe com o núcleo, sendo o primeiro a dispersar-se no (des)conhecido mundo, onde não há espaço nem tempo para se encontrar, e de maneira antagônica, há o sem fronteiras e a inédita experimentação da liberdade.

Os *Cortes* deflagram o avesso dos fatos e de tudo que estivera encoberto pelos laços artificiais que mantinham a família sob o mesmo teto. A seqüência de perdas expõe a fragilidade com que as gerações passadas alicerçaram aquela estrutura familiar: o assassinato do pai, o suicídio do caseiro e o abandono da doméstica. O clã não se reconhece, acabou-se, mas de fato existiu? Quando? Onde? Sobretudo, **quem**? O questionamento da existência é colocado em relevo pelo autor que, a partir de agora, permite que o narrador se ausente em detrimento da escrita das personagens por elas mesmas, fazendo com que estas capturem a idéia de que a presença do outro não é silêncio, mas sonoridade, nem é escuridão, mas clareza.

E ainda que tivessem permanecido imersos num mundo que não pertencia mais ao século XX, a ruptura não se fez tão impactante quanto poderia ser, pois estes andarilhos acostumaram-se com a não-interação, com o não-diálogo, com o não-poder, enfim, com a chamada solidão coletiva tão característica do mundo moderno – povoado de gente, estímulos, informações e estreito e esvaziado de sentidos.

Os outros membros da família também partiram em demanda do encontrar-se. O primogênito, André, vem para o Brasil em busca de uma vida digna e de oportunidades de trabalho, mas percebe, de maneira bastante penosa e realista, que, o mundo moderno não guarda espaço para a dignidade. Arminda, a única filha mulher, se posiciona ao lado do namorado Samuel, em Lisboa, e encara o fato de que as reivindicações dos revolucionários causam mais decepções em contexto democrático, no qual são permitidas, do que nos tempos de outrora quando as vozes eram veladas. Os caçulas, Tiago e Jó, permanecem com a mãe, Marina, na casa pulverizada.

Os meninos voltam-se para seus mundos interiores e imaginários, tecendo viagens fantásticas, onde há espaço para medos, aventuras, heroísmos, salvação, exposição de traumas e, sobretudo, um lugar onde a convivência é possível. Almeida Faria, por meio dos guris, parece questionar este lugar do possível, porque ainda que real na ficção, ele é, na realidade, ausência.

Talvez Marina seja o personagem obrigado a conviver com espaço mais legitimamente vazio do romance, pois é uma sem marido, sem filhos e sem perspectivas. E talvez justamente por conta disso que consegue conceber o seu eu de forma mais completa: escrita de um diário e as correspondências com os filhos distantes serão seus sentidos voltados para o mundo.

Os cavaleiros desta saga ao escreverem um para o outro, escrevem a si mesmos e, ineditamente, lêem a si mesmos. Analisam-se e refletem como em um mágico espelho imagens obscurecidas pelo tempo e pelo espaço, alcançando uma esfera de lucidez superiormente inquietante, onde cada pensamento parece encantado, cada palavra conduz a um arrebatamento e o eu se condensa em sensações jamais experimentadas.

Nesta cadência, em *Lusitânia* e *Cavaleiro Andante*, deslocamento será a palavra de ordem da ação, que se desenvolverá no nível discursivo e no progressivo conhecimento de si e do outro. A narrativa epistolar liga a rota Montemínimo, Lisboa, Veneza, Brasil e Angola, impõe a diminuição dos espaços consolidados pela anestesiada relação familiar e, à medida que se desenrola, promove a identificação de si, revelando que, literalmente, o papel do destinatários é, em última instância, traçar os referenciais e limites do destino de eus despedaçados.

### **Referências Bibliográficas**

MAXWELL, Kenneth. *O Império Derrotado: Revolução e Democracia em Portugal*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 .

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. 3.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 5ª.ed. São Paulo: Centauro.

SILVEIRA, Jorge Fernandes (org.). *Escrever a casa portuguesa*. Minas Gerais: UFMG, 2006.

FARIA, Almeida. *A Paixão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FARIA, Almeida. *Cortes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

FARIA, Almeida. *Lusitânia*. São Paulo: Difel, 1986.

FARIA, Almeida. *Cavaleiro Andante*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

